



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P.º Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

┌ A Grande Peregrinação ┐ NACIONAL DE OUTUBRO

Cruzados da Fátima

Ainda a cota

Quando se pensa na cota, é-se tentado a ver nela apenas o seu aspecto material. De facto, é necessária sob este aspecto. Sem ela, infelizmente, a Acção Católica não podia subsistir, ao menos como foi organizada, porque as despesas da Junta Central são enormes, e as suas receitas reduzem-se ao auxílio dos «Cruzados da Fátima» e ao produto do pedidório que se faz em todo o País, na Festa de Pentecostes.

Mas, para além do aspecto material da cota, temos de considerar o seu aspecto espiritual.

Há que pensar nos seus efeitos, que são já de ordem apostólica. A soma do concurso pequenino de cada um, é que permite manter a rede de obras a que se fez referência sumária, no artigo anterior. Temos de verificar que, neste ponto, os católicos portugueses têm ainda longo caminho a percorrer. Faz-se justiça à generosidade, por vezes impressionante, de muitos. Mas a grande massa vive ainda num desinteresse lamentável acerca de certas obras em que, só por serem da Igreja, também participam. A educação da generosidade só lentamente se vai fazendo.

Também para isto é necessária a organização. Mas, ainda quando ela existe, falta o lume interior que a vivifica.

Católicos de outras nações dão-nos exemplos magníficos. As obras da Igreja consideram-nas obras próprias, cujos triunfos ou privações intensamente vivem. Sentem o valor delas, e corajosamente as amparam. Até não católicos são, com frequência, mais prontos e generosos do que nós. Sabem o que querem, compreendem o seu alcance, e isso lhes dá ânimo para defendê-las e sustentá-las. De certa organização revolucionária se diz poder contar semanalmente com o auxílio incondicional dos seus associados. Pretendem construir o futuro, o seu futuro, e para esse fim não recusam nem regateiam actos de generosidade. Lamenta-se que este fogo de entusiasmo seja tão mal orientado, mas não pode negar-se a mística, de sabor religioso, que se traduz em abnegação.

Para que seja aceita com alegria a cota dos «Cruzados da Fátima», cumpre atender aos seus efeitos. Cumpre igualmente atender ao valor do sacrifício. Porque a pequena soma que mensalmente se dispõe, representa para muitos um verdadeiro sacrifício. É dura a vida para grande número de pessoas, que laboriosamente ganham o pão de cada dia. Mas o sacrifício que se faz é como seiva misteriosa que vivifica a obra que o reclama. É sempre actual a palavra de um místico Autor contemporâneo: Não há obra grande sem sangue do coração. Este sangue é a soma de privações, que silenciosamente em cada hora se praticam.

Também, e principalmente, pelo sacrifício, se contribui para o triunfo de uma ideia. Por isso o santo «Cura d'Arso», aconselhava certo director de obras, desorientado por aparentes contínuas derrotas, a jejuar e a penitenciar-se por elas, para que o Senhor as fizesse florescer e frutificar.

Além disso, é sabido que só são verdadeiramente queridas as obras que importam sacrifícios. Ciosamente se conservam e acarinham os trabalhos que se realizam à força de perseverante e dolorosa energia. Muitos malbaratam tesouros preciosos, porque sem esforço os herdaram. Se os tivessem adquirido com rijas e torturantes canseiras, outro seria o seu pensar, e diferente seria o seu agir.

Quem serenamente compreenda o tesouro de graças que é a Acção Católica, não pode deixar de auxiliá-la. Amando-a, não lhe recusará o óbolo da sua generosidade. Mas, sacrificando-se por ela, mais puro e abnegado será o amor que ela lhe merece. Amor e sacrifício superiormente se harmonizam.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

A multidão de peregrinos

Mais uma vez, o lindo cantinho do Céu que é a Cova da Iria regorgitou de fiéis que, de alma transbordante de fé, ajoelharam aos pés da Virgem Santíssima, no seu Santuário predilecto da Fátima, cheios de confiança no seu poder de intercessão junto de Deus e na sua bondade maternal.

De todos os pontos do Império e de muitas nações acorreram milhares de peregrinos para suplicar à Soberana Senhora lenitivo para os seus males e paz para o mundo.

Milhares de pessoas percorrem a pé longas distâncias, durante muitos dias. De Aveiro veio assim um grupo numeroso de peregrinos, homens e mulheres, pescadores e trabalhadores de campo. Há quem faça todo o percurso alimentando-se apenas, por espírito de penitência, a pão e água.

A polícia de viação e trânsito, as corporações de bombeiros voluntários, a Cruz Vermelha Portuguesa e outros serviços de saúde realizaram, cada qual na sua especialidade, um trabalho utilíssimo, executado com uma perfeição digna dos maiores elogios.

Não é possível enumerar os países representados nesta magnífica assembleia geral de to-

dos os povos. Ouvem-se os idiomas mais variados a par das diferentes maneiras de falar de todas as províncias portuguesas.

Já no dia 12, sacerdotes portugueses e estrangeiros celebraram sucessivamente o Santo Sacrifício da Missa. Uma delas foi celebrada pelo rev. P.º Pascal Bolland, religioso do Mosteiro Beneditino de W. Meinrad, Indiana (Estados Unidos). Este sacerdote que presidiu à primeira peregrinação nacional norte-americana, em substituição do rev. P.º José Caceia seu organizador, impossibilitado de vir por motivo de doença grave de pessoa de família, depositou na capelinha das aparições, junto da Imagem da Senhora, alguns milhares de mensagens provenientes dos mais diversos pontos da América do Norte.

As 10 horas, celebrou-se no Santuário o casamento de Gerardo e Maria Bernardina A. Campo, ambos naturais de S. Martinho de Weert, na Holanda, de onde vieram de avião expressamente para se consorciarem na Fátima. Ao deporem aos pés de Nossa Senhora o ramo de flores do seu noivado tinham os olhos marejados de lágrimas.

Terminada esta cerimónia, o Senhor Bispo de Leiria benzeu solenemente uma Imagem de Nossa Senhora da Fátima de

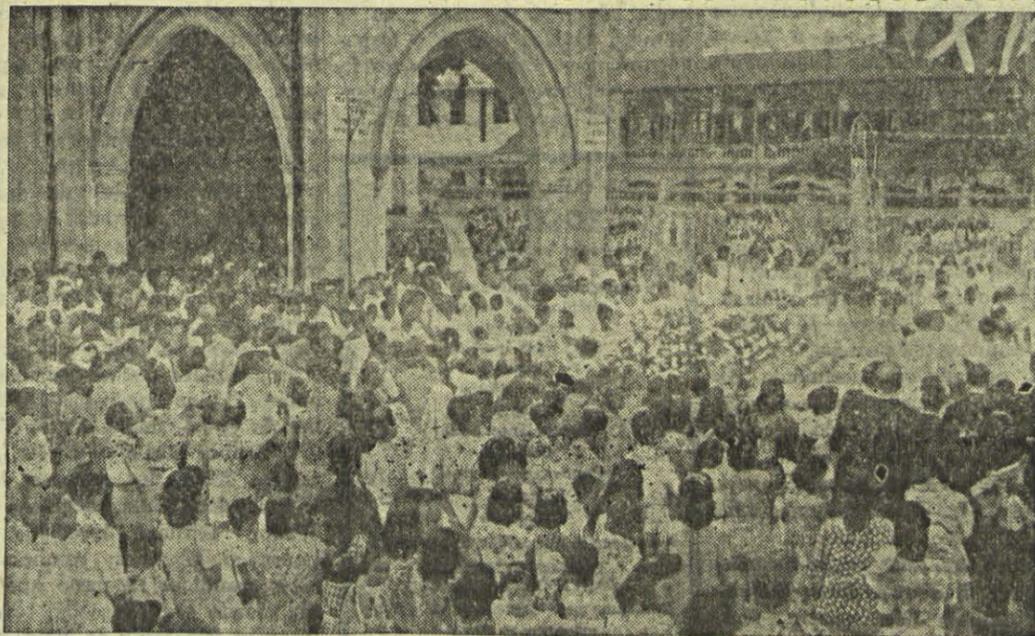
pedra, destinada à nova igreja da Imaculada Conceição do Porto e que foi acompanhada até lá pelo rev. Abade e um grupo de paroquianos da sua freguesia.

O sr. dr. Ferraz de Andrade, Ministro de Portugal no Chile, acompanhado de sua esposa e filhos, foi recebido pelo Senhor Bispo de Leiria a quem entregou duas cartas autógrafas — uma do Senhor Cardeal Arcebispo de Santiago do Chile e outra do Mons. Carlos Casanova, Reitor da Universidade Católica de Santiago, o apóstolo do culto de Nossa Senhora da Fátima naquele país da América do Sul.

A esposa do nosso Ministro entregou, por sua vez, ao venerando Prelado Leiriense, em nome das mulheres católicas de Chile, uma bandeira desta nação oferecida a Nossa Senhora da Fátima.

O Senhor D. José Alves Correia da Silva, ao agradecer, aproveitou o ensejo para focar a obra de verdadeiro apóstolo de Mons. Casanova e pediu ao sr. Ministro que lhe apresentasse os seus agradecimentos por tudo quanto tem feito pelo culto de Nossa Senhora da Fátima, especialmente a publicação do seu livro sobre as aparições no qual é feito também o elogio de Portugal.

(Continua na 2.ª pag.)



Singapura, 13 de Maio de 1948

Um aspecto da procissão com a imagem de Nossa Senhora da Fátima, em que se incorporaram mais de 7 mil pessoas

A Grande Peregrinação NACIONAL DE OUTUBRO

(Continuação da 1.ª pag.)

O Senhor Bispo admitiu na classe de Servita a filha mais nova do Sr. Embaixador do Brasil.

Por fim foram recebidos os peregrinos norte-americanos, trocando-se palavras de simpatia entre o venerando Prelado e o rev. Pascal Boland.

A procissão das velas

Já passa das 22 horas. A Cova da Iria é um enorme rio de fogo que serpeia pelas avenidas do Santuário e vai juntar-se na vasta esplanada em frente da grande igreja do Rosário, formando um mar de luz. Renova-se mais uma vez o espectáculo maravilhoso de sempre. A multidão canta hinos em louvor da Santíssima Virgem e implora graças e bênçãos para si, para os que lhe são caros, para os diferentes países e, de modo especial, a paz para o mundo.

O Avé da Fátima é entoado por milhares de bocas, constituindo um coro de maravilha.

O espectáculo era sobremaneira impressionante. Com razão um locutor francês, sacerdote, repetiu, na Cova da Iria, ao microfone da Rádio-Renascença a célebre frase do grande poeta Paulo Claudel, um dos quarenta imortais: «Fátima é uma explosão de Fé».

Foi sempre assim, desde a época das aparições, em que os peregrinos eram só os filhos da terra de Santa Maria. E a Fátima continua a ser ainda a mesma explosão de Fé, cada vez mais grandiosa, cada vez mais admirável, formando um impressionante coral de súplicas e de acção de graças, no qual tomam parte não somente portugueses mas também gente vinda de todas as partes do mundo em romagem à Virgem Santíssima no altar da Cova da Iria.

A adoração de Jesus-Hóstia

A meia noite, depois de cantado o Credo pela multidão dos peregrinos, principiou a adoração do Santíssimo Sacramento solenemente exposto. Junto do altar vêm-se os Senhores Bispos de Leiria e de Gurza e muitas centenas de sacerdotes portugueses, espanhóis, franceses, belgas, norte-americanos, ingleses, irlandeses, canadianos, brasileiros, chilenos e uruguaios.

Durante toda a noite, numerosos sacerdotes ouvem de confissão milhares de pessoas.

A comovedora cerimónia da adoração nocturna realiza-se num ambiente de profundo recolhimento e de muita piedade.

A prégação foi feita pelo rev. Cônego Dr. José Galamba, há dias chegado da América.

Cerca das duas horas da madrugada findou a adoração oficial. Muitos fiéis, porém, ficaram, toda a noite, a rezar.

A Missa da Comunhão geral

As 7 horas celebrou-se a Missa da Comunhão geral. Ao mesmo tempo, e durante toda a manhã, em todos os altares da igreja celebravam sacerdotes nacionais e estrangeiros. A Sagrada Comunhão foi distribuída a mais de dez mil pessoas. Dezenas de sacerdotes, incluindo os estrangeiros colaboraram na distribuição do Pão dos Anjos.

Os peregrinos norte-americanos ouviram a Missa que, especialmente para eles, celebrou o Senhor Bispo de Gurza.

A procissão de Nossa Senhora

Era meio-dia quando se iniciou a procissão que conduziu para junto do altar da Missa dos doentes a Imagem de Nossa Senhora da Fátima que se venera na capela das aparições.

A Imagem, levada aos ombros pelos Servitas e precedida e rodeada de pendões e bandeiras, fez o percurso habitual por entre as aclamações e os cânticos da multidão.

Milhares de lenços brancos acenavam febrilmente dando ao quadro uma nota comovedora.

Todos os peregrinos ajoelhavam respeitosamente à passagem da Imagem. Os cânticos colectivos ecoavam por todo o Santuário e pelos campos vizinhos.

Numerosas crianças vestidas de branco que tinham feito na véspera a sua primeira Comunhão incorporaram-se no imponente cortejo, fazendo, por assim dizer, a guarda de honra a Nossa Senhora.

Junto do andor seguiam os Senhores Bispos de Leiria e de Gurza, ladeados por vários sacerdotes norte-americanos.

O primeiro destes Prelados, logo que a Imagem ficou colocada sobre o seu pedestal, todo florido, voltada para a multidão, benzeu várias Imagens de Nossa Senhora, uma das quais destinada à catedral de Sydney, na Austrália, algumas seguiam para os Estados Unidos e para o Canadá, uma para o Japão, outras ficaram na Europa — na Inglaterra e na Bélgica e outras ainda fo-

ram destinadas a igrejas portuguesas.

A Missa e Bênção dos doentes

As 13 horas principiou a Missa dos doentes. Nos registos do Posto das verificações médicas inscreveram-se mais de trezentos para poderem receber a bênção de Jesus Sacramentado no recinto que lhes estava reservado. Celebrou o Santo Sacrificio Mons. Hardy. O rev. P. Boland, fez ao Evangelho uma breve alocução, em inglês, sobre o culto de Nossa Senhora da Fátima na América. Em seguida, o Senhor Bispo de Gurza falou sobre a devoção do Rosário.

Lembrou ainda que Leão XIII publicara dez encíclicas recomendando essa devoção.

E exclamou:

— Quereis paz nas vossas famílias, nas vossas nações, no mundo? Rezemos bem o terço. O terço do Rosário de Nossa Senhora da Fátima há-de triunfar da maior heresia dos tempos modernos (não é necessário dizer qual é), como triunfou sobre os albigenses e os turcos. Quem reza, salva-se; quem não reza, perde-se. Se não rezamos bem, pode vir o castigo, se rezamos bem, Nossa Senhora da Fátima, do Céu, há-de ajudar-nos a ser felizes na terra, bons cristãos, e a irmos também depois para o Céu.

A bênção dos doentes deu ocasião a comovedoras cenas de fé e piedade.

Conduziu a umbela, durante a cerimónia, o sr. general Dias Costa, comandante da terceira Região Militar.

No fim da Missa os Senhores Bispos de Leiria e de Gurza benzeram os objectos religiosos apresentados pelos fiéis.

Efectuou-se em seguida a condução da Imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições no meio do fervor e entusiasmo de milhares de peregrinos que acenavam incessantemente com lenços brancos e cantavam o «Adeus à Virgem». Espectáculo de rara beleza espiritual, grandioso e impressionante!

As cerimónias religiosas assistiram também, entre muitas outras individualidades de destaque, o sr. D. Joaquim de Aguilera e os restantes membros da missal representativa da obra sindical espanhola «Educação y Descanso» que se encontram de visita ao nosso país e que eram acompanhados pelos srs. Engenheiro Higinio Quairós e dr. Felner da Costa, da F. N. A. T.

O Senhor Bispo de Leiria, antes da Missa dos doentes, leu, ao microfone, um telegrama do Senhor Cardeal Arcebispo de Lourenço Marques, comunicando a grandiosa recepção que na sua cidade arquiépiscopal teve a Imagem Peregrina de Nossa Senhora da Fátima.

As pombas de Nossa Senhora EM ANGOLA

Tem constituído motivo de admiração o facto de a imagem de Nossa Senhora ir sempre acompanhada de pombas. Como correram várias versões a este respeito, julgamos ser interessante expor o que sabemos sobre o caso.

A imagem, quando desembarcou no cais das Portas do Mar, não vinha acompanhada de quaisquer pombas. As primeiras a pousar no andor foram ali colocadas, se não estamos em erro, pelos alunos do Colégio Familiar. Durante a noite de 30, todo o dia e noite de 31 de Julho, estiveram na Se quatro pombas, embora uma já não estivesse no andor. No dia 1 de Agosto, na procissão para o Estádio, uma delas ficou na Sé, duas voaram durante a procissão e a quarta manteve-se sempre no andor de Nossa Senhora até à sua partida para o sul da Colónia, tendo feito a viagem de avião ao norte da Colónia e de moto-car a Malange. Apesar de ter parte duma asa queimada, voava, como o fez por mais de uma vez, para pequenas distâncias.

No andor foram por mais de uma vez colocadas pombas com asas cortadas, que todavia lá não estiveram muito tempo, pois houve o cuidado de as retirar, por nos parecer que era menos conveniente que ali estivessem forçadas.

As Religiosas de S. José, em Cabinda, colocaram três pombas no andor, uma das quais fugiu logo; a segunda ficou no andor até ao campo de aviação, onde fugiu, quando quiseram apanhá-la para a meter no avião. A

terceira fez a viagem de avião de Cabinda para o Zaire, aqui esteve sempre no andor durante a procissão que foi longa e ali se conservou igualmente em S. Salvador. Todavia, ao partir de S. Salvador já lá não estava, mas em compensação várias pombas colocadas no andor pelas Irmãs de S. Salvador vieram todas até Luanda, embora houvesse no caminho duas procissões, e suponho que uma delas ainda ali se encontrava no dia 13. Em Malange foram soltas algumas pombas na igreja, as quais fugiram. Em Cacus foram depositas pelo menos três aos pés de Nossa Senhora e todas elas vieram para Luanda. Repetimos: todas estas pombas podiam voar e algumas delas fugiram. Uma ou outra que foi colocada no andor, com as asas cortadas, foi dali removida.

Não queremos de maneira nenhuma atribuir carácter sobrenatural a este facto, mas ele não deixará de ser admirável. Por outro lado, desfazem-se algumas versões erróneas postas a correr, afirmando uns que se tratava de pombos correios, dizendo outros que as pombas vinham já de Portugal e estavam habituadas a acompanhar Nossa Senhora. As pombas eram todas de Angola e de proveniências muito diferentes, tanto assim que nem sempre havia bom entendimento entre elas, como muitas pessoas observaram.

De «O Apostolado» n.º 654, jornal que se publica em Luanda.

As mulheres modernas adoptaram

ASPRO

O MODERNO REMEDIO INGLES

contra a DOR!



Em Inglaterra, em todo o Império Britânico, em França, na Suíça, na Holanda, na Bélgica, são muitos os senhores e as senhoras que confiam em ASPRO para obterem alívios de muitos males que experimentam, principalmente as pessoas do seu sexo tais como:

ENXAQUECAS, INDISPOSIÇÕES
NEURALGIAS, NERVOSISMO
INSÓNIAS, RESFRIAMENTOS

ASPRO está já inteiramente ao serviço da Mulher portuguesa. Encontraréis ASPRO na vossa farmácia habitual, sempre na sua embalagem higiénica e característica.

Cada um dos comprimidos de ASPRO encontra-se isolado no interior da sua embalagem transparente, impermeável e rigidamente ao abrigo de todo e qualquer contacto com o exterior. Conservam, indefinidamente a sua pureza original. As vossas mãos serão as primeiras a tocá-las. Poderá levar ASPRO no seu bolso de mão sem que se altere. Os comprimidos não tomarão mais espaço do que uma nota de 20 escudos.

Também poderá conservar um fornecimento conveniente de ASPRO em sua casa. Desta forma tê-lo-éis sempre pronto para vos prestar serviço. Grandes ou pequenos que sofram de:

DORES DE CABEÇA
REUMATISMO
CONSTIPAÇÕES OU GRIPE

Devem recorrer a ASPRO. Escolhe na farmácia mais próxima a embalagem de ASPRO que mais lhe convenha. ASPRO é puro o que o torna bem tolerado pelo estômago e pelo coração.



A embalagem de 8 comprimidos, prática para a mala de mão custa Esc. 3500

A embalagem de 30 comprimidos, para ter sempre em casa custa Esc. 12500

Importadores: Sociedade F. I. D. Lda. Rua do Almada, 97, 2.º - PORTO Inspector Geral: Ralph MacInerney

Poderá fazer, sem despesas, uma linda viagem a Lourdes, se tomar parte no Grande Concurso Popular, organizado por ASPRO em colaboração com Rádio Renascença. Leia os jornais diários e ouça Rádio Renascença todos os dias.

ASPRO NÃO ATACA O ESTOMAGO NEM O CORAÇÃO

Não custa experimentar...
TECIDOS VITÓRIA
servem sempre melhor:

Grande variedade em:
Tecidos de algodão
Estampados
Lãs para vestidos
Sedas
Tecidos Finos
Crepes
Malhas Interiores
Colchas
Panos para lençol
Molas
Etc. Etc.

Amostras à disposição dos clientes
PREÇOS MINIMOS
BORTIDOS GRANDES

Remessas pelo correio para o Continente e Ilhas

Tecidos VITÓRIA
Rua do Cedofeita, 157 - PORTO

VISCONDE DE MONTELO

A onda turística

Ha quase quarenta anos — como o tempo passa e a velhice chega. Mas não queria falar-vos de coisas tristes e justamente tenho diante de mim o tipo mais perfeito da mais radiosa mocidade. Apresento: Helena Pinho, dezotto anos, saudavel, bela e fresca como uma flor que desabrocha, vestindo um pouco no exagero da moda, o que não atenua — pelo contrario — o seu que de provincialismo; um arzinho estouvado — porque tambem e moda — e uns retoques de colorido vivo que, verdade seja, tambem não a favorecem.

Esta na minha frente e porque encontrou um coração que a acolhe com simpatia, alguém que lhe fala dos pais e dos avos, da sua linda aldeia natal, e pitoresco povo, as paviarias saem-lhe confiantes, com certo tom de mimo, o laço levemente trémulo como de criancinha prestes o chorar.

— Estou bem decidida a vir para Lisboa — repete-me depois dum silencio em que ambas reflectimos — e contudo não sei... Não tenho coragem... Tenho medo, sim, tenho medo! No fim de contas, acredite, sou uma provinciana, não passo de uma pobre aldeã!

Sorriso: — Não diga isso com essa cara, amiguinha, como se fosse uma desgraça, uma desonra. Pelo contrario deve orgulhar-se da sua terra natal — que saudades do tempo que lá passou! Deve sentir-se feliz pela honrada familia em que nasceu. Mas ainda me não disse que ideia é essa de deixar a sua aldeia, a sua gente, a sua casa tão tarta, os seus quintais tão floridos... e tão produtivos?... — Iso era noutro tempo!

— E agora? — A rapariga, porém, não atedia a interrupção. — Nesse tempo, dizem, não havia ricos, mas tambem não havia pobres. Conta o avô que as melhores frutas que apareciam no mercado da vila eram as nossas; as nossas galinhas, as mais gordas; os nossos queijos os mais apreciados...

— E agora? — repeti. Mas ela continuava: — A industria principal da terra, porém, eram aquelas lindas mantas de riscas de cores garridas, lembrasse? — Eram?! — Todo este passado numa boca tão jovem que, todavia, tinha um certo jeito de amargura, quase conflagra.

— Sim, eram ja ninguém se importava de fiar, de tingir, de tecer... As fabricas na cidade fazem tudo melhor e mais barato... Depois da outra guerra, dizem, começou a aparecer por lá muita gente a admirar e a fotografar, e a pinar as nossas serras, as nossas ribeiras, os nossos tipos e trajos... E tudo começou a receber hospedes no verão...

— E no inverno? — No inverno comem do que ganham no verão. E como não chega, e como se desabituarão de trabalhar a terra que por esse motivo não dá nada ou pouco da...

— E vos? Na vossa casa?... — Fizemos uma hospedaria... No quintal de baixo, fizemos uma garagem; no de cima calcamos tudo para pôr mesas e cadeiras.

— Que pena! Mas não poderia a amiguinha trabalhar na sua casa em vez de vir para Lisboa quem sabe em que condições?... — Sim, no verão chega para todos — trabalho e dinheiro.

Mas os meus irmãos são quatro, sabe, não querem sair dali a procurar trabalho noutra parte, nem o sabem fazer. Nunca pegaram na enxada como o pai e o avô; já não temos vacas nem cabras, nem ovelhas... Nem galinhas sendo para os visitantes comerem. Fiquem lá, pois, os meus irmãos ade papo para o ar e eu venho-me embora. Cá me hei-de arranjar...

— Como eu queria a sua terra! — Como eu a aborreci! — Que dias curtos e felizes lá passava nas férias! — Que longos e detestáveis se me iam tornando!

— Mas seus pais consentem na sua vinda? — A principio não queriam, mas agora o que querem é sossego. E é sempre uma guerra com os meus irmãos: não há direito de eles terem o que querem e eu preciso dum vestido, dum casaco...

Interrompi-a: — De po de arroz, de tinta para a cara e para as unhas... de uma «permanente»...

— E então? — tornou-me quase agressiva. Quem teve a culpa de eu me habituar a tudo isto?

— Oh, ninguém, decerto, minha pobre pequena — atalhei, recendo algum agravo contra o quarto Mandamento. Ninguém: somente as coisas próprias da época...

Abri um album que tinha sobre a mesa e apresentei-lhe algumas fotografias:

— Veja: são de há quase quarenta anos. Julgo que foi o meu o primeiro kodak que transpôs as serranias onde se aninha a sua aldeia. Olhe: o seu avô... a sua avó. Que pitoresco par! As tias... que belas raparigas! A sua mãe... pequerrucha ainda... Oh!, nesse tempo não havia guerras na sua casa, não... Pelo contrario: que paz! Que conforto! que poesia!

— Tudo o tempo levou!... — Tudo a onda turística varreu!...

M. de F.

Calendário e Almanaque de Nossa Senhora da Fátima

Cada exemplar, 1\$50 pelo correio, 1\$70. Dirigir pedidos acompanhados da respectiva importância em selos ou em vale de correio à Administração da revista Stella — COVA DA IRIA (FÁTIMA)

Medalhas Religiosas

assinadas pelo escultor João da Silva: Nossa Senhora de Fátima — Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora de Lourdes — Nossa Senhora de Fátima e S. Coração de Jesus — Virgem do Pilar e Sagrado Coração de Jesus — Escapulário e Santa Teresinha e Mater Dolorosa — Santo António e Ecce Homo — Rainha Santa Isabel, de ouro e de prata. Encontram-se à venda no Santuário de Fátima

Singapura, o grande porto comercial britânico onde afluem diariamente de todas as partes do mundo bojudos transatlânticos, Singapura, esta ruidosa e atarefada urbe dum milhão de habitantes de todas as raças e credos, onde se erguem templos e altares a todos os deuses, Singapura que tem visto marchar pelas suas ruas procissões confucionistas, indús, budistas e comunistas, teve de esperar mais dum século para assistir a uma procissão da única Religião verdadeira!

E foi Nossa Senhora da Fátima que se incumbiu deste milagre! E foi a Missão Portuguesa o instrumento de que Ela se serviu para o realizar.

E o milagre foi tanto maior quanto maiores foram as dificuldades a vencer. A primeira grande dificuldade era que nesta cidade pagã e protestante não se vira jamais uma procissão católica nas ruas. Seria esta bem acolhida?

A segunda era a agitação comunista que então reinava. As Trade Unions, dominadas em grande parte pelo comunismo, tinham determinado realizar uma grande reunião de cem mil proletários no dia 1 de Maio e depois ir em procissão pelas ruas da cidade. O Governo proibiu ambas as coisas; e perante a ameaça comunista de que, não obstante as ordens do Governo, eles celebrariam a reunião e a marcha pelas ruas, o Governo proibiu toda e qualquer procissão e ainda mesmo qualquer reunião que fosse além de 6 pessoas.

Perante esta proibição parece que a nossa Procissão do dia 13 tinha de se pôr de parte... Mas tal não sucedeu. Esta realizou-se, tomando parte nela mais de 7.000 pessoas, a cantar e a rezar o terço pelas ruas da cidade numa manifestação única na história religiosa de Singapur! Mais: a Procissão passou em frente das Sedes dos Partidos Comunista e da Liga Democrá-

TRIUNFO DE Nossa Senhora da Fátima EM SINGAPURA

tica, que se mostraram muito quietinhos e muito sossegados, realizando-se assim o desejo do Sr. Comissário da Policia que, quando me deu autorização para a Procissão, me disse que concordava com a ideia e que seria até uma parada das forças das direitas em face da ameaça comunista. E foi realmente!

Do dia 4 ao dia 12, celebrou-se na Igreja de S. José da Missão Portuguesa uma Novena solene, em que preparam os 3 Padres da mesma Missão; Sousa, Vaz e Teixeira. No dia 13 de manhã, nas três missas, uma das quais foi solene, comungaram mais de 1.000 pessoas.

Armou-se um altar campal; embandeirou-se a cerca da Igreja; flores, bandeiras, balões, ramos e mil adornos trepavam pelas portas, janelas e varandas da Casa Paroquial e do Convento Português de S. António, correndo ao longo dos cachorros dos beirais; disticos, inscrições e invocações a Nossa Senhora da Fátima gritavam os seus convites amorosos dos dintéis da Igreja e do Convento e dos muros da cerca. Dispuseram-se os auto-falantes; e finalmente às 5.30 da tarde aparece a Senhora da Fátima num Carro Triunfal, adornado de tulle, de setim e de flores.

As senhoras promotoras da devoção a Nossa Senhora da Fátima dirigem-se do Convento para o altar campal a fim de entregar ao Vigário Geral da Missão Portuguesa a linda Coroa de ouro, com que ia ser coroada Nossa Senhora, e que fora ob-

tida por subscrição pública, custando uns 30 contos. O Vigário Geral P. M. Teixeira, dá inicio a cerimonia com um sermão, em que proclama a Senhora da Fátima Rainha da Missão Portuguesa; findo este, coroa solenemente a imagem e mete-lhe nas mãos um terço de ouro oferecido na mesma ocasião por um anónimo, cantando-se então em português o hino da Coroação, o mesmo que foi cantado em Fátima em 13 de Maio de 1946. Desenrola-se a Procissão, em que tomam parte varias Ordens e Congregações Religiosas e todas as Associações da Paróquia, levando velas, rezando, cantando e... chorando de comoção. E um rio de luz dum milha de comprimento. A Senhora da Fátima vai num Carro Triunfal com os três Pastorinhos ajoelhados a seu lado e escoltada por umas duas dúzias de anjos lançando flores.

Recolhida a procissão à cerca da Igreja, e dada a bênção do Santissimo, a toda aquela massa compacta de povo e depois a bênção especial aos doentinhos que acorreram em grande número, a implorar o milagre da cura. Canta-se o «Adeus à Virgem» e todo o povo dispersa para suas casas, deixando os corações dentro do Coração Imaculado de Maria, a quem toda a Paróquia se consagrara o ano passado.

Nossa Senhora da Fátima conquistou realmente os corações dos católicos de Singapura!

P. M. TEIXEIRA Vigário Geral da Missão Portuguesa.

GR A Ç A S DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

Cura dum sarcoma

D. Maria Mercês Veloso Osório Tação, de Taboão, tendo-lhe aparecido no peito um sarcoma de muito mau aspecto, consultou o médico, Sr. Dr. Malheiro Dias, que a aconselhou a fazer um tratamento numa clinica do Porto. Tal tratamento foi inútil, e a única esperança que havia era uma intervenção cirúrgica. A única não, porque se lembrou de recorrer a Nossa Senhora da Fátima, com muita confiança, fazendo a promessa de rezar o Rosário durante um mês e mandar publicar a sua cura no prazo dum ano. Efectivamente, segundo diz, dentro dum mês, sem ser precisa a operação o sarcoma desapareceu e ela ficou completamente curada.

Perfuração no ouvido

D. Maria Emilia Ribeiro, Urgezês, Guimarães, tendo um filho de três anos e meio com uma perfuração nos órgãos do ouvido como foi comprovado pela opinião dum médico especialista do Porto, na eminência de ser operado, caso não cedesse a doença a determinado medicamento, succedeu que por doença súbita da mãe tal medicamento não foi empregado. Decorrido algum tempo, levada a criança ao mesmo clinico, foi dada por absolutamente curada não sem espanto do médico e com muita comoção da mãe que na sua afflictão tinha recorrido a Nossa Senhora da Fátima, fazendo a promessa de ir ao seu Santuário em peregrinação.

Reacção mingíca

D. Maria Emilia da Conceição do Carmo, da Benedita, filha de Joaquim

do Carmo, natural e residente na Venda do Notário, esteve gravemente doente com uma reacção meningica, tendo sido observada por dois médicos. Não via, não ouvia nem falava. Alguém lhe levou uma estampa de Nossa Senhora de Fátima, chamou pela menina, anunciando-lhe a presença da imagem. Quei não foi o espanto quando a criança abriu os olhos e se abraçou a imagem, principiando a falar e logo se levantou do leito completamente curada o que foi confirmado por declaração do médico.

Abandonado pelos médicos

D. Emilia Mendes da Cunha, Vila Aurora, tendo o seu marido adoecido gravemente com uma broncopneumonia, agravada por se tratar dum gazedo da guerra de 1914 e tendo-lhe sido descoberto um abcesso num pulmão, chegando a ser abandonado pelos médicos, graças a Nossa Senhora da Fátima a quem toda a familia recorreu, o enfermo melhorou e chegou mesmo a curar-se tendo já ido ao Santuário da Fátima agradecer a Nossa Senhora e fez a pé o caminho de Ohão de Maças (25 Kl.) até à Cova da Iria.

Em estado de coma

D. Ana Micaela Martelo, Redondo, tendo sido acometida dum ataque de urémia, esteve algumas horas em estado comatoso, não havendo esperança de voltar à vida. Antes disso recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe que a curasse e a familia vendo-a tão mal fez o mesmo, obtendo a sua cura que é confirmada por atestado do seu médico sr. Dr. José Luis T. Júnior e pelo Rev. Pároco.

Desenganado dos médicos

P. José Barbosa, Pároco de Sobrado, escreve: «Manuel Martins, casado, proprietário da freguesia de Sobrado, concelho de Valongo, Diocese do Porto, encontrando-se gravemente doente e desenganado dos médicos, sua familia afflita recorreu a Nossa Senhora da Fátima, fazendo uma novena em sua honra e prometendo ir pessoalmente agradecer a graça caso a obtivessem. Reconhecida a familia vem cumprir a promessa e pede para publicar a graça conforme tambem minha prometido».

IMPÉRIO DAS MEIAS

Av. Almirante Reis, 173-B LISBOA

Lencóis c/ajour 1.º 80	45\$00
Lencóis c/ajour 1.º 40	35\$00
Colchas de gorgorão, casal	50\$00
Colchas de gorgorão, fortes	55\$00
Colchas adamascadas	57\$50
Travessieiros casal 13\$ pessoa	9\$00
Almofadas casal 6\$50, pessoa	4\$80
Toalhas turcas grandes 17\$ e	12\$00
Toalhas peq. 7\$; 6\$; 4\$80 e	3\$80
Toalhas alinhadas barras	6\$50
Toalhas mesa 1x1 c/guard.	18\$00
Toalhas 1,20x1,20 c/guard.	23\$00
Combinações flanela ombreira	18\$00
Combinações corte soutien	12\$50
Combinações flanela de soutien	16\$00
Combinações fina seda moda	65\$00
Cuecas sr. opal 8\$, percal	6\$50
Cuecas escócia, senhora	9\$50
Meias escócia 11\$; 10\$ e	8\$00
Meias seda gase fina	9\$50
Meias lá 25\$; 20\$; 18\$; 13\$ e	11\$80
Soquetes lá saldo 7\$50 e	6\$70
Meias escócia fina pé cotton	15\$00
Peúgas escócia fantasia	6\$50
Peúgas lá 12\$; 10\$; 9\$; 8\$ e	5\$90
Peúgas de fina lá estambre	22\$50
Cuecas homem sarja 16\$50 e	13\$00
Cuecas homem 11\$00 e	9\$50
Lencos homem 3\$80; 2\$40 e	2\$00
Lencos sr. 4\$, 2\$, 1\$30 e	1\$00
Lencos georgetineo cabeça	22\$50
Veus rendados favo	13\$00
Fanos higienicos, cada um	2\$50
Luvãs de lá, senhora	19\$00
Camisolas lá homem 33\$, 30\$ e	26\$00
Gilettes lá, sr. reclame	67\$00
Fulôveres 2 faces	67\$00
Blusas lá m/manga, saldo	60\$00
Casacos lá, cinto e gola	55\$00
Lã, novelo 50 grs.	6\$00
Flanelas tabela 9\$00, 8\$ e	7\$00
Camislas homem, tecido fino cores lisas bom corte, reclame	46\$00

Provincias e Ilhas enviamos a contra reembolso

CRÓNICA FINANCEIRA

Nesta altura do ano agrícola já se pode fazer uma ideia muito aproximada do que virão a ser os seus resultados e como isso interessa de um modo muito especial aos lavradores, vamos tratar desse assunto nesta crónica, servindo-nos para tanto das duas últimas folhas publicadas pelo Instituto Nacional da Estatística, relativas ao estado das culturas em 31 de Agosto e 30 de Setembro findos.

Começemos pelo trigo. Diz a folha de 31 de Agosto e a de 30 de Setembro confirma, que a produção deste ano é de 2.820.000 quintais, menos 13% da produção do ano passado, e menos 30% da produção média dos últimos dez anos.

O consumo anual médio (produção e importação reunidas) do decénio de 1934-1943 foi de 5.176.970 quintais. Em relação a essa média, faltam-nos este ano 2.357.000 quintais, números redondos, ou seja, quase 46%. Quer

dizer, teremos trigo para seis meses pouco mais ou menos.

A produção do milho de sequeiro está calculada em cerca de 861.000 hectolitros. A do ano passado foi de um milhão de hectolitros. A baixa foi de quase 14%.

Para o milho de regadio, calcula-se um aumento de produção de 2% em relação ao ano passado. A colheita deste ano andarà por 3.672.000 hectolitros.

Teremos, portanto, para a colheita do milho, um montante de quatro milhões e meio de hectolitros. A razão de 72 quilogramas por cada 100 litros, teremos para peso do milho este ano colhido, cerca de 3.240.000 quintais.

A produção anual média do decénio de 1934-43 foi de 3.354.350 de quintais, números redondos. Portanto, a colheita deste ano é um pouco inferior a essa média.

O consumo anual médio do decénio de 1934-1943 foi de 3.780.000 quintais. Faltam-nos 540.000 quintais que teremos de importar. Mas o déficit deve ser

maior porque o consumo do milho tem aumentado, como é natural, visto que a população tem sucedido o mesmo. Por outro lado, tem mostrado a experiência que se come mais pão quando há menos vinho. É que o vinho também sustenta.

A colheita do centeio foi de 1.260.000 quintais. Houve 15% menos do que no ano passado, mas ainda assim a colheita deste ano excede um 10% a média anual das colheitas do último decénio. O centeio produzido excederá o consumo habitual médio, mas o excesso pouco influi no resultado final da nova produção cerealífera.

A produção da batata de sequeiro orça por 4.640.000 quintais. Mais 9% do que no ano passado; e mais 30% do que a média dos últimos cinco anos. A colheita de regadio andarà por 5.286.000 quintais, a avaliar pela cota que lhe é atribuída na folha de 30 de Setembro. Teremos, ao todo, 9.926.000 quintais, ou seja, em números redondos, dez milhões de quintais. Graças a Deus!

Comparando a colheita de batata do ano passado com a que se espera este ano, nota-se um aumento de 600.000 quintais. O nosso lavrador é admirável de tenacidade e de bom senso. Apesar dos enormes prejuízos que teve no ano passado com a cultura da batata, nem por isso desanimou, antes foi levado a produzir ainda mais, para bem de todos, mesmo daqueles que lho não merecem.

A colheita de arroz, embora um bocadinho inferior à do ano passado (5% a menos) espera-se que seja ainda boa.

Quanto ao azeite é que as coisas estão já muito mal e é de crer que ainda se ponham piores com a grande estiagem que estamos sofrendo. Teremos a quarta parte do ano passado quando muito.

A colheita de vinho é de 70 por cento da do ano passado. Já está a subir os preços e é natural que este ano se venha a vender bem. Mas nada de exagerar que tudo que é demais... é erro.

PACHECO DE AMORIM

TIRAGEM DA VOZ DA FATIMA

NO MES DE OUTUBRO

Algarve	7.074
Angra	16.232
Aveiro	5.694
Beja	4.750
Braga	39.387
Bragança	5.666
Coimbra	8.682
Évora	3.965
Funchal	9.787
Guarda	8.453
Lamego	7.068
Leiria	9.750
Lisboa	14.039
Portalegre	7.991
Porto	37.510
Vila Real	13.715
Viseu	5.100
Total	204.863
Estrangeiro	4.624
Diversos	14.113
Total	223.600

Movimento no Santuário

Retiros

De 2 a 6 de Outubro reuniram-se em retiro espiritual cerca de 60 senhoras da Liga Intensificadora de Acção Missionária (LIAM). É o segundo retiro deste ano promovido por esta associação missionária. Foi conferente o Rev. Dr. Clemente Pereira da Silva, do Conselho Geral da Congregação do Espírito Santo.

Ao mesmo tempo estiveram em retiro 30 senhoras da Liga Operária Católica da diocese de Leiria, sendo conferente o Rev. Dr. Manuel Lopes Perdigão, assistente diocesano.

De 17 a 23 reuniram-se em retiro 60 sacerdotes da diocese de Portalegre. É o segundo turno deste ano. Os exercícios foram pregados pelos Reys, P. Dr. Oliveira Dias e António Fazenda, S. J. Assistiu o Sr. Bispo Coadjuutor, D. António Ferreira Gomes.

Crianças Estrangeiras no Santuário

Nos dias 6 e 7 de Outubro reuniram-se aos pés de Nossa Senhora no

seu Santuário, cerca de 1.100 crianças francesas e austríacas que aqui vieram dizer o seu «Adeus» a Nossa Senhora e pedir por Portugal e pelas famílias que durante 6 meses os tiveram como filhos. Estas crianças, muitas das quais suportaram os horrores da guerra, vieram para Portugal confiadas aos cuidados da benemérita Instituição de Caridade «Caritas».

Muitas das famílias acompanharam as crianças ao Santuário e no momento das despedidas produziram-se cenas comoventes, pois muitas das crianças não desejavam regressar às suas famílias, mas sim ficar em Portugal.

Para receber as crianças veio ao Santuário o Senhor D. José, Bispo de Leiria, o qual celebrou a santa missa e fez aos pequeninos uma comovente prática. Acompanhou as crianças da sua diocese o Sr. D. António, Bispo de Vila Real.

Depois da procissão das velas e das despedidas a Nossa Senhora os pequeninos partiram de comboio para as suas terras cheios de saudade de Portugal.

CONVERSANDO

A lição dos factos

Ninguém poderá hoje negar que a humanidade continua em agitação por toda a parte e que o seu irrequietismo é de algum modo consequência, agravando-se sempre mais e mais, de causas propulsoras das duas últimas grandes guerras, que o mesmo equivale a dizer dum mal profundo que de longe se arrasta e persistentemente mina.

No entanto, os acontecimentos recentes evoluem por modo a dar o acertado prognóstico deste mal; e o mal é que a maioria da população do globo não dispõe dum mínimo indispensável de subsistência para viver em condições de sociabilidade normal.

Como acudir a tão lamentável mal? Os comunistas russos julgam erradamente poder curá-lo, dando da personalidade humana uma concepção exclusivamente materialista, comunicando todas as formas de propriedade, e eliminando pura e simplesmente os indivíduos que, de algum modo, pareçam ser-lhes ameaça.

Mas isto é um inferno em vida! Nem as leis da natureza física nem as da natureza moral comportam ou aguentam semelhante monstruosidade.

No passado, as experiências com análogos objectivos, como as do inglês Roberto Owen nos meados do século XIX, falharam estrondosamente. No presente, as dos comunistas russos, falhando estão nas conferências internacionais pela cínica incompatibilidade de convívio dos seus representantes, e nos governos internos por formas de opressão que deixam a perder de vista as dos primitivos povos bárbaros.

Na sua cegueira vão ao ponto de induzirem as confederações gerais do trabalho de alguns países, como a França, a que provoquem greves para elevação, sucessiva e a curtos prazos, de salários, fingindo desconhecer que a desvalorização destes sucede quase sempre por não haver subsistências que cheguem para todos e, portanto, em prejuízo das classes mais pobres como os trabalhadores não sindicalizados, a pequena burguesia, e os funcionários públicos de menos categoria, consequentemente contra a pretendida aproximação de nível de vida de que tanto falam...

É uma corrente satânica de mal-fazer!

Felizmente levantam-se já sérios óbices a barrar-lhes o avanço. O discurso do Ministro dos Estrangeiros Britânico Ernesto Bevin perante a Assembleia geral das Nações Unidas em 27 de Setembro último desfez ruidosamente, até onde o podia a lógica e o supremo bem humano, as desvaliadas pretensões e atitudes dos comunistas russos, dos seus «satélites», e das suas 5.ª colunas.

E não só isso. Apontou as iniciativas já empreendidas em organização e funcionamento para a recuperação económica do Mundo pela «resolução dos problemas da falta de alimentos adequados e de infelicidade e descontentamento social».

«Eu desejaria, — clamava o Ilustre Estadista, — pedir não só aos delegados mas também aos parlamentos das Nações Unidas e a outras entidades representativas do Mundo em todos os campos, que estudassem as medidas substanciais de progresso que têm sido feitas, pois demonstram praticamente uma grande contribuição para a sã estrutura da paz mundiais».

Semelhantes atitudes (por parte das grandes Potências vêm ao encontro da Igreja, e especialmente do recente e memorável discurso As três Vitórias do Santo Padre Pio XII aos jovens da Acção Católica Italiana).

«Que todos, conforme a sua condição, possam viver tranquilos e felizes, com suficientes meios de subsistência, eficazmente protegidos contra a violência duma economia egoística, numa liberdade circunscrita dos bens gerais e numa dignidade humana em que cada um respeite aos outros como a si mesmo».

Generosíssima aspiração!

As possibilidades actuais da ciência e da técnica facilitam como nunca, segundo o dizer do glorioso Pontífice no seu discurso, as mais largas esperanças de realizações úteis. E, se essas possibilidades deram a bomba atómica para tempos de guerra, muito melhor poderão dar agora o que já pretendia um sábio antigo para tempos de paz: que o pão abunde como a água e o fogo, afastando a guerra.

A. Lino Neto

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª série) - XLIV

O bom Samaritano

Como de costume, ouvi hoje a missa de Ceofoeita pela rádio.

O evangelho do dia era o «bom Samaritano» (S. Lucas, X, 30-37):

«Um homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos ladrões que o despojaram; e, tendo-lhe feito feridas, retiraram-se, deixando-o meio morto. Ora aconteceu que descia pelo mesmo caminho um sacerdote, o qual, quando o viu, passou de largo. Igualmente, um levita, chegando perto daquele lugar, e vendo-o, passou adiante. Mas um Samaritano que ia a seu caminho, chegou perto dele; e, quando o viu, moveu-se de compaixão. E, aproximando-se, ligou-lhe as feridas, lançando nelas azeite e vinho; e, pondo-o sobre o seu jumento, levou-o a uma estalagem, e teve cuidado dele. E no dia seguinte tirou dois dinheiros, e deu-os ao estalajadeiro, e disse-lhe: Tem cuidado dele; e quanto gastares a mais, eu to satisfarei quando voltar. Qual destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões? E ele respondeu: O que usou com ele de misericórdia. Então, Jesus disse-lhe: Vai, e faz tu o mesmo».

A doutrina de Cristo teve prodigiosa expansão. Vou contar um caso que me sucedeu há uma semana.

Fui passar o domingo fora, com minha família. No regresso a casa, à noite, sofri um pequeno acidente de automóvel. Ao passar por alturas da Maia, na estrada em reparação, passavam em direcção contrária, para a jogatina da Póvoa, gigantescos automóveis, a que chamam espadas.

Os batoleiros iam em desenfreada velocidade, com potentíssimos faróis acesos.

O nosso chauffeur, aliás prudentíssimo e competente, cego pelos focos de luz dum dos automóveis que vinham em sentido contrário, desviou desastrosamente o nosso carro para cima dum montão de pedras destinadas ao concerto da estrada.

Todos os passageiros do meu carro sofreram um grande abalo, felizmente sem consequências. O carro é que teve de ficar toda a noite na estrada, com avarias.

As espadas que levavam os jogadores para a Póvoa, tal qual o sacerdote e o levita do Evangelho, não deram pelo acidente, e seguiram sempre.

Vinha, porém, atrás de nós, outro carro, com um passageiro único, e um chauffeur atenciosíssimo, que, vendo o nosso perigo, nunca mais nos largou, forçando-nos a entrar no seu carro, e transportando-nos a casa, a alguns quilómetros de distância.

Ao chegar a nossa casa, não queria receber qualquer remuneração, e tanto ele, como o benemérito passageiro que transportava, não declinaram os seus nomes, e estão hoje sem saber a quem devo uma acção tão caridosa.

Talvez sem o suspeitarem, os dois beneméritos encarnaram em si a alma do bom Samaritano do Evangelho.

Porto
8-VIII-48

J. A. Dias do Amaral